



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

DEYSE PINHEIRO DE SOUSA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LIMITES E
POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DE LEITORES/AS NO ENSINO REMOTO**

**POMBAL - PB
NOVEMBRO – 2020**

DEYSE PINHEIRO DE SOUSA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LIMITES E
POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DE LEITORES/AS NO ENSINO REMOTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): Professor (a): Dra Nádia Jane de Sousa

POMBAL – PB
NOVEMBRO – 2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S725c Sousa, Deyse Pinheiro de.

A contação de história na educação infantil: limites e possibilidades na construção de leitores/as no ensino remoto / Deyse Pinheiro de Sousa. - João Pessoa, 2020.
48 f. : il.

Orientação: Nádia Jane Sousa.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Contação de história. 2. Ensino remoto. 3. Educação infantil. I. Sousa, Nádia Jane. II. Título.

UFPB/CE

CDU 373.2(043.2)

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LIMITES E
POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DE LEITORES/AS NO ENSINO
REMOTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia.

Orientador(a): Professor(a) Dra. Nádia Jane de
Sousa

Aprovada em 02/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Nádia Jane de Sousa.

Profa. Dra. Nádia Jane de Sousa
Profa. Orientadora/UEPB

Profa. Dra. Máira Lewtchuk Espíndola
Profa. Convidada/UEPB

Profa. Dra. Thais Thalyta da Silva
Profa. Convidada/UEPB

Dedico

A minha família, por sua capacidade de acreditar em mim. A minha mãe, pelo seu cuidado, dedicação e incentivo. Foram vocês que me deram esperança para nunca desistir e chegar até aqui. E ao meu pai (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus pelo dom da vida, pelo seu amor infinito e por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Agradeço aos meus pais, Maria e José (in memoriam), meus exemplos de vida, pelos seus ensinamentos. Obrigada, mãe, pelos seus conselhos, pelos seus incentivos e orientações; pelas orações, pelo cuidado e por me mostrar sempre o caminho correto a seguir. Ao meu pai, que partiu antes da finalização dessa conquista, mas sua presença foi sentida a todo momento.

Aos meus irmãos Dayane e Daniel, pelo carinho para comigo e a minha irmã por toda sua dedicação em me ajudar nesse período.

À minha colega de turma, que também é a minha irmã de coração, Iarani Serafim, que sempre me ajudou e incentivou a realizar essa conquista.

À minha orientadora Nádia Jane de Sousa, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube e pelas suas correções e orientações. Seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado final deste trabalho.

Sou grata a todos os componentes do corpo docente da Universidade Federal da Paraíba na modalidade à distância, que sempre transmitiram seu saber com muito profissionalismo.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação e àqueles que fazem com que a vida possa valer a pena de verdade.

“Que todo o meu ser louve ao Senhor, e que eu não esqueça nenhuma das suas bênçãos” (Salmos 103:2).

“[...] Os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: Intérpretes de sonhos”.

(Rubem Alves, 1994)

RESUMO

No contexto atual, o trabalho pedagógico passou por diversas transformações para atender às necessidades encontradas no ano de 2020, devido à pandemia instaurada pelo COVID-19, de maneira que o isolamento social interferiu na forma como os educandos aprendem e como os educadores ensinam. Tendo isto em vista, o presente trabalho tem por objetivo analisar como a contação de história é utilizada na educação infantil para construção de leitores/as no ensino remoto, em uma instituição de ensino da cidade de Catolé do Rocha - PB. Para que este objetivo fosse alcançado, a pesquisa foi realizada em uma creche da rede municipal da referida cidade, tendo como sujeitos da pesquisa duas docentes da turma do Maternal II. Tendo em vista o atual contexto, a pesquisa ocorreu de forma virtual, sendo os dados coletados no grupo de WhatsApp da turma, no qual as professoras encaminham suas atividades e os vídeos de contação de história. Também foi aplicado um questionário no qual se analisou o ensino remoto, a necessidade e a importância da contação de história, bem como sua utilização na educação infantil no contexto de ensino remoto. O estudo teve como base as teorias de Abramovich (1995), Barbosa (2009), Kishimoto (2003), Antunes (2007), a BNCC (2017), dentre outros autores que auxiliaram no decorrer do mesmo.

Palavras chave: Contação de história; Ensino Remoto; Educação Infantil.

ABSTRACT

We live in a context in which the way in which the educator propagates teaching has undergone several transformations to meet the needs found in the year 2020 due to the pandemic established by COVID-19, so that social isolation interfered in the way students learn and as educators teach, with this in mind, this paper aims to analyze how storytelling is used in early childhood education to build readers in remote education, in a teaching institution in the city of Catolé do Rocha. In order for this objective to be achieved, we carried out our research in a daycare center in the municipal network of that city, with two teachers from the Maternal II class as research subjects. In view of the current context the research took place in a virtual way, so the data were collected in the WhatsApp group of the class in which the teachers send their activities and the story telling videos, later a questionnaire was applied in which we analyzed the teaching remote, the need and importance of storytelling, as well as its use in early childhood education and in this new methodological context of teaching. Our study was based on the theories of ABRAMOVICH (1995); BARBOSA (2009); KISHIMOTO (2003); ANTUNES (2007), BNCC (2017) among other authors who helped us throughout the study.

Keywords: Storytelling; Remote Teaching; Child education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Apresentação dos campos de experiências BNCC	22
Quadro 02 – Planejamento: “a borboletinha”	34
Quadro 03 – Planejamento: “o planeta está com febre”	36
Quadro 04 – Planejamento: “a casa sonolenta”	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A FORMAÇÃO DE LEITORES	12
2.1	O CONTAR HISTÓRIA ENQUANTO PROCESSO LÚDICO	15
2.2	O CONTAR E O CRIAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	21
3	METODOLOGIA	25
4	CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIA NO PROCESSO DA EDUCAÇÃO REMOTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	27
4.1	BORBOLETINHA	33
4.2	O PLANETA ESTÁ COM FEBRE	36
4.3	A CASA SONOLENTA	38
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	43
	Apêndices	

1 INTRODUÇÃO

O processo de contação de histórias existe desde os primórdios da humanidade, uma vez que o ser humano busca recontar fatos e ações que marcaram o seu desenvolvimento no decorrer do tempo, podendo-se encontrar fatos que corroboram esta afirmação desde milhares de anos antes de Cristo, com os desenhos encontrados em cavernas, que recontam ações do cotidiano daquela época.

Com o passar do tempo, o processo de contar história se tornou algo desenvolvido de forma oral. Os trovadores são um dos exemplos deste processo de contação oral, visto que os mesmos narravam fatos de extrema relevância de personalidades da época em suas canções, sendo, portanto, um dos primeiros contadores de histórias.

Este processo narrativo de fatos passou por diversas transformações no decorrer dos anos, refletindo as transformações da sociedade ao longo de sua História. Atualmente, contar e ler histórias são um dos principais recursos de oportunizar à criança, no contexto escolar e social, momentos prazerosos ao ouvir um conto, uma narrativa, uma história, com ações, falas, personagens e enredos encantadores, que cativam e instigam a imaginação da criança ou do adulto que as escutam.

É por meio do aprendizado que o indivíduo desenvolve os comportamentos necessários para sua convivência em sociedade. Sendo assim, é necessário que o docente utilize metodologias diferenciadas, tendo como objetivo proporcionar novas formas de aprendizagem para o educando, uma vez que o processo pedagógico e educativo não deve ser pautado em processos metodológicos que não visam a criança como um todo.

Enfatiza-se que quando os docentes não buscam desenvolver atividades interativas, nas quais as crianças são as protagonistas do processo de ensino/aprendizagem, não se encontram bons resultados no que diz respeito à formação do indivíduo como um todo. Sendo assim, o processo de atuação durante a aula deve ser o momento no qual o aluno poderá aprender de maneira lúdica, interativa e dinâmica.

O educar na educação infantil precisa ser diferenciado, uma vez que, nesta modalidade, é necessário que a criança seja vista como um indivíduo capaz de aprender por meio da interação com o meio no qual está inserido, bem como o docente precisa compreender o que é próprio do universo infantil, como a fantasia, por exemplo.

A fantasia se faz presente no processo da contação de história, por meio da linguagem, dos personagens e do enredo, de tal forma que contar uma história é possibilitar que a criança construa novos mundos, habilidades, conhecimentos. É oportunizar o educar de forma contextualizada, dinâmica e interativa. Sendo assim, a contação de história apresenta inúmeras possibilidades de ampliação do saber da criança e do educar do docente.

Ao avaliar o quanto o processo de contação de história é importante para o desenvolvimento da criança, o presente trabalho de conclusão de curso de graduação de Pedagogia tem como finalidade compreender como a contação de história é utilizada na educação infantil para construção de leitores/as no ensino remoto, em uma instituição de ensino da cidade de Catolé do Rocha.

Sendo assim, o estudo tem um enfoque qualitativo, buscando responder ao seu principal questionamento: quais são os limites e as possibilidades da contação de história no processo da formação de leitores/as na educação infantil durante o ensino remoto?

Para que se pudesse chegar ao objetivo central do trabalho e responder à pergunta de análise, adotaram-se como base dois direcionamentos pautados nos objetivos específicos de atuação: analisar como a contação de história é utilizada pelas docentes da turma do Maternal II no processo da educação remota e identificar quais os limites e as possibilidades da contação de história na formação leitora durante o processo da educação remota na educação infantil.

Em consonância, foi selecionado um aporte teórico que auxilia a compreender o espaço da sala de aula e a utilização da contação de história no decorrer das atividades educacionais. Desta forma, a pesquisa está respaldada principalmente em autores como Almeida (1992), Antunes (2007) Bettelheim (2015), Chateau (1997), Coelho (2012), BNCC (20017), dentre outros, que discorrem acerca do lúdico e da contação de história como mecanismos de formação da criança.

A análise foi estruturada em duas etapas: a primeira consistiu na coleta de dados na escola campo de atuação de forma remota, a qual teve como objetivo analisar a metodologia utilizada pelo docente no processo da contação de histórias, para que se pudesse compreender como este recurso metodológico auxilia na formação de leitores/as durante o período da educação remota. Posteriormente realizou-se a análise dos dados coletados, fundamentando este processo com as teorias selecionadas.

O processo de contar história é algo mágico, no qual o educador deve evidenciar todos os aspectos que atraem a criança para o contexto do imaginário que a história oportuniza, sendo assim este aluno protagonista em um mundo mágico, encantado, cheio de fantasia e de imaginação. A criança encontra nestes momentos de contação de história uma janela de união entre os dois mundos, o imaginário e o real, o que torna o contar e o ouvir histórias ações capazes de ampliar as habilidades e de oportunizar a interação entre educador e educando.

2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A FORMAÇÃO DE LEITORES

O ato de contar uma história é algo inerente ao ser humano, de maneira que o processo de narrar fatos e ações, sejam elas fictícias ou reais, faz parte do cotidiano de todo sujeito. Todos aprendem a ouvir narrativas contadas por seus pais, avós, professores e amigos, possibilitando inferências no processo de formação leitora.

O processo narrativo passou por diversas transformações, de maneira que a forma de contar histórias modificou-se. Hoje, o ato da contação de história é construído mediante diversos recursos que modificam a forma de ouvir e interpretar estes enredos narrados.

Tendo em mente a importância da contação de história no processo de formação leitora, torna-se necessário oportunizar para a criança no contexto escolar e social momentos prazerosos ao ouvir um conto, uma narrativa, uma história, com ações, falas, personagens e enredos encantadores, que cativam e instigam a imaginação da criança ou do adulto que escuta uma história.

Por meio da contação de história, inicia-se a construção de estratégias interpretativas que possibilitam compreender o que está sendo lido, o enredo, os personagens e as formas de linguagem. Esta primeira leitura é desenvolvida basicamente ao ouvir e ver o que está se passando no momento narrativo.

Por meio a primeira leitura, aprende-se a armazenar dados que auxiliam na formação leitora. Essa ação pode ser denominado como leitura visual ou, como Paulo Freire denominava, leitura de mundo, pois, no momento em que a criança ouve a história, ela observa diversos fatores como a entonação, o cenário, a encenação e até mesmo o emocional do leitor.

Tal afirmação fica clara no seguinte trecho de Pillar (2006, p. 13):

O observável tem sempre a marca do conhecimento, da imaginação de quem observa, ou seja, depende das coordenações do sujeito, das estruturas mentais que ele possui no momento, as quais podem modificar os dados. Assim, duas pessoas podem ler uma mesma realidade e chegar a conclusões bem diferentes. Isto porque o que o sujeito apreende em relação ao objeto depende dos instrumentos de registro, das estruturas mentais, das estruturas orgânicas específicas para o ato de conhecer, disponíveis naquele momento.

Pode-se dizer que a imaginação faz parte dessa leitura, uma vez que o imaginário permite que a criança vá além do óbvio, possibilitando-lhe enxergar o que

seu olhar não vê de imediato e interpretar um objeto de diversos ângulos, pois, para Pillar (2006, p.12):

Ao ler estamos entrelaçando informações do objeto, suas características formais, cromáticas, topológicas; e informações do leitor, seu conhecimento acerca do objeto, suas inferências, sua imaginação. Assim, a leitura depende do que está em frente e atrás dos nossos olhos.

Mediante as abordagens da autora, percebe-se que o contexto interfere na forma de interpretação da leitura de mundo que a criança realiza desde seus primeiros dias de vida. Desta forma, é observável que o sujeito pode chegar a diversas interpretações de um mesmo texto (imagem), trazendo inferências e marcas de sua vivência para sua leitura.

Segundo Vygotsky (1998), desde bem pequena, a criança torna-se capaz de construir relações interpessoais, interativas e construtivas, percebendo e apropriando-se de significados, atribuindo, por meio dessas relações, sentido a estes significados, ou seja, interpretando. Deste modo, pode-se compreender que o que move o desenvolvimento humano são as condições contextuais concretas relacionadas à vida e à educação que cada sujeito possui (VYGOTSKY, 1988; LEONTIEV, 1988).

Seguindo este pensamento de Vygotsky, pode-se observar que, por exemplo, para os bebês, a cor, o gênero, a deficiência ou a localização não implicam grande relevância, visto que sua atenção é captada pelo novo, não pelas necessidades ou diferenças físicas e sociais. Para este pequeno sujeito, o essencial é o criar, a curiosidade e a interação. Desse modo, na contação de história, é necessário um pensar diferenciado para a promoção da formação leitora, com aspectos contextuais coloridos, musicais, mágicos. Para as crianças bem pequenas, por sua vez, torna-se possível compreender que a interpretação contextual, os questionamentos, os desenhos, a imitação e a imaginação são fatos que interferem na construção das habilidades leitoras. Em ambos os momentos de desenvolvimento, encontram-se a curiosidade e o desejo pelo novo na formação e no desenvolvimento da criança enquanto indivíduo social.

Pode-se compreender que a criança é um sujeito capaz de relacionar, interagir, criar e modificar o contexto no qual está inserido mediante suas interpretações leitoras do que lhe cerca. Seus primeiros anos de vida são marcados e intensificados pelo desenvolvimento dos aspectos intelectuais, físicos, emocionais e individuais.

Tendo em mente a necessidade do desenvolvimento da criança como um todo, os textos narrativos direcionados para estes sujeitos auxiliam na sua construção leitora desde bem pequenos, ainda bebês, uma vez que os adultos em casa ou nas instituições de educação infantil destinam momentos para contarem histórias voltadas para entretê-los. Segundo Abramovich (1995, p.16): “o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente pelo pai, mãe ou avós, que contam histórias infantis, trechos bíblicos e até mesmo histórias inventadas”.

A criança, por meio dessas leituras orais, passa a conhecer personagens, contextos, ações, imagens e palavras que estão presentes na contação de história, feita tanto em casa quanto nas instituições de Educação Infantil. Para a criança, é importante criar e recriar contextos em seu subconsciente interpretativo de leitor em formação, para que assim possa interpretar e ler o que lhe é contado.

Ao ouvir histórias, a criança é apresentada ao universo literário, pois desde o início da sua vida escuta a voz do adulto contando ou cantando uma história para alegrar seu dia. Deste modo, por meio da contação, a criança compreende o mundo literário, com todas as suas suas belezas, possibilidades e interpretações.

Em relação à contação de histórias, Abramovich (1995, p.18) destaca:

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... E tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Percebe-se que o momento de contar a narrativa (história) está carregado com as estratégias de interação da criança diante do que lhe é apresentado neste novo contexto literário. Portanto, as modificações que um adulto efetua para atrair a atenção da criança são estratégias que permitem o desenvolvimento da aprendizagem, da autonomia, da imaginação e da resolução de problemas, pois, a partir do momento em que a criança começa a construir seu mundo imaginário através da narração, ela passa a modificar suas funções cognitivas e se esforça para construir novos conhecimentos.

Coelho (2001, p. 12) complementa:

(...) a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida.

É notável que a contação de história auxilia na formação leitora da criança de diferentes maneiras, pois este recurso narrativo colabora para que este sujeito aprenda mais que o mero processo de decodificação interpretativa, tornando-se capaz de ir além, interpretando e reconstruindo enredos, se tornando leitor.

A contação de história aguça o imaginário da criança. O lúdico, interligado a essas narrativas voltadas para as crianças, proporciona que estes pequenos sujeitos construam suas competências literárias com auxílio de elementos que fazem parte do seu contexto infantil, com personagens fantásticos, contextos e enredos que demonstram a beleza da leitura, se tornando leitores que não estão assujeitados ao texto, mas interagindo com as ações narradas pelo adulto.

Este novo processo pode ser construído mediante a formação leitora da criança que se vincula à contação de história. Deve-se entender que o processo de contar histórias é uma atividade interligada a uma variedade de saberes e valores, de forma que, na contação de histórias, o adulto atue de forma decisiva para construir um processo de desenvolvimento contextual e conseqüentemente ajudar as crianças a aprender por meio da sua formação leitora.

O narrador deve tornar os momentos de contação de história uma forma de lazer para este pequeno leitor. É preciso pensar em elementos estruturais, visuais e linguísticos que aproximem a criança do enredo, pois este leitor vê além do que está presente na narrativa.

A criança, por meio da contação de história, constrói um mundo novo. Por meio do faz de conta, da imaginação e da ludicidade, a criança formula novos personagens, novos contextos, novos enredos, bem como interpreta o que está sendo contado de maneira diferenciada, fazendo a ponte entre o real e o imaginário, tornando-se um leitor.

2.1 O CONTAR HISTÓRIA ENQUANTO PROCESSO LÚDICO

O universo infantil por natureza já remete à ideia do lúdico. Sendo assim, pode-se compreender que o processo de contar história deve ser baseado na ludicidade,

pois é necessário construir um contexto literário no qual o sujeito leitor (a criança) encontre elementos do imaginário e da fantasia, possibilitando a construção de interpretações interativas com o mundo deste indivíduo.

É preciso compreender a necessidade da constituição de contextos lúdicos para as crianças ouvirem histórias, cantarem, pintarem ou realizarem outras ações. Acerca disso Barbosa (2009, p. 73) aborda:

Para a constituição de contextos lúdicos, é necessário considerar que as crianças ouvem música e cantam, pintam, desenham, modelam, constroem objetos, vocalizam poemas, parlendas e quadrinhas, manuseiam livros e revistas, ouvem e contam histórias, dramatizam e encenam situações, para brincar e não para comunicar “idéias”. Brincando com tintas, cores, sons, palavras, pincéis, imagens, rolos, água, exploram não apenas o mundo material e cultural à sua volta, mas também expressam e compartilham imaginários, sensações, sentimentos, fantasias, sonhos, idéias, através de imagens e palavras. A compreensão do mundo da criança pequena se faz por relações que estabelece com as pessoas, os objetos, as situações que vivencia, pelo uso de diferentes linguagens expressivas (o movimento, o gesto, a voz, o traço, a mancha colorida). Nesse processo, as escolhas de materiais, objetos e ferramentas que o adulto alcança promovem diferenças no repertório e no vocabulário, na cultura material e imaterial na qual a criança está inserida.

Cada elemento percorrido pela autora é de extrema importância para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. É necessário compreender que a compreensão do lúdico como experiência interligada à aprendizagem infantil nem sempre existiu, uma vez que a criança, no decorrer da história, já foi considerada como um adulto em miniatura, tendo deveres a serem cumpridos, trabalhos, ações e necessidades sociais. Pode-se então compreender que, em momentos anteriores da história, a infância não existia, pois desde muito cedo a criança convivia unicamente com o real, com o mundo do adulto, no qual o lúdico frequentemente não fazia parte.

As narrativas infantis precisam de personagens, linguagem, temas e imagens marcantes voltados para este leitor. Neste sentido, é importante trazer para o público das crianças pequenas elementos do seu imaginário, como princesas e príncipes, heróis e monstros, seres reais e imaginários dialogando em um mesmo enredo, proporcionando que a criança brinque com a história, tornando-se o elemento imaginário uma forma de fazer o leitor viajar enquanto ouve a história.

Cunha (2003, p. 89) destaca que

[...] é importante a narrativa linear, com tempo cronológico (e não psicológico), sem cortes e voltas ao passado (flash-back) ou a cenas paralelas, sem “fluxos de consciência”. Os recursos narrativos mais adequados à criança costumam formar o conto ou o romance de ação, nos quais predominam a intenção de distrair, sem outro compromisso que o de narrar uma história interessante.

Sendo assim, pode-se compreender que o ouvir é o primeiro passo para interpretar e construir saberes literários. Segundo Abramovich (1995, p.16), “[...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

O contar história para uma criança deve trazer ações que permitam a junção do real e do imaginário, sendo o lúdico a chave para este processo. Sendo assim, é preciso brincar, cantar, pular, mudar a voz, vestir fantasias ou simplesmente encantar ao contar uma história para uma criança, compreendendo que este sujeito não domina as competências literárias avançadas como interpretação linguística, contextual ou outra, mas compreende o enredo, o reformula e o reconta de acordo com a forma como foi narrado para ele enquanto leitor.

O lúdico possibilita desenvolver na criança suas habilidades intelectuais, emocionais e sociais. A criança tem, assim, a oportunidade de aprender brincando. Entretanto, para atuar a partir de processos lúdicos, o docente precisa ter consciência de como essa efetivação será colocada em prática, porque ensinar através da ludicidade não é deixar os alunos exercerem suas vontades sem um fim pedagógico planejado pelo professor. Segundo Almeida (2009), o educador deve, antes de tudo, desenvolver sua autocrítica para não confundir o lúdico com o brincar por brincar aleatoriamente.

O educar, no contexto da educação infantil deve conectar prática pedagógica ao brincar, uma vez que, durante a brincadeira, o profissional pode (e deve) intervir intencional e pedagogicamente nas ações de cuidado e educação na presença das crianças. De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 27, v.01):

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos.

O processo de desenvolvimento da contação de histórias com ações lúdicas pode-se interligar ao papel do brincar, de maneira não-literal, interligando o real e o imaginário da criança, contrapondo estes dois mundos, brincando, criando e construindo novas ações de aprendizagem no desenvolvimento como um todo.

Dessa forma, Kishimoto (2003, p. 37) defende que

Ao assumir a função lúdica e educativa, o brinquedo educativo merece algumas considerações: função lúdica: quando propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente e função educativa: o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo.

O desenvolvimento pessoal proporcionado pelo lúdico, conectado aos diversos fatores sociais e culturais, promove a saúde física e mental das crianças, uma vez que proporciona o processo de socialização, construção de conhecimento e comunicação, ao mesmo tempo que oportuniza um desenvolvimento pleno e integral aos indivíduos que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. O RCNEI (BRASIL, 1998, p.22) informa que

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos, cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas.

Desse modo, as vivências e sentimentos fazem da criança um ser único, singular, caracterizando assim seu eu interior, devendo-se valorizar sua própria maneira de estar no mundo. Através de brincadeiras bem elaboradas e direcionada e/ou livres, proporcionam-se oportunidades para que a interação aconteça. De acordo com RCNEI, (1998), brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida, como também de transformá-la.

Sendo a brincadeira algo inerente ao ser humano, o lúdico proporciona, além de situações prazerosas, o surgimento de comportamentos e a construção de um cognitivo ampliado e construído mediante a interação, aprendendo, brincando e desenvolvendo habilidades por meio do imaginário.

Desse modo, o brincar se constitui como uma ferramenta muito importante em todas as etapas do desenvolvimento humano. Durante a brincadeira, a criança se desenvolve integralmente, passando a conhecer mais do mundo. Assim, o brincar não é apenas uma mera questão de diversão, mas também uma importante forma de educar, socializar e desenvolver.

A ludicidade, quando promovida por meio de jogos, brincadeiras, danças e contação de histórias no contexto do processo de ensino e aprendizagem, promove a responsabilidade e a auto expressão da criança, encorajando-a em suas peculiaridades, de modo que a mesma, ainda que não perceba, desenvolve-se e constrói mais conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, ao maravilhamento e ao lazer que as narrativas produzem, ocorrem muitos tipos de aprendizado. Para Bettelheim (2015, p. 20), “Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre a si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade”.

A contação de histórias, portanto, é uma atividade essencial que transmite conhecimentos e valores e está relacionada ao imaginário infantil. Assim, de acordo com Rodrigues (2005, p.4) apud Lima et al.(2018):

A contação de histórias é atividade própria do incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

Tal prática (a de contar histórias) estimula não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura, a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura, um conjunto de elementos que auxilia o desenvolvimento do consciente e subconsciente da criança.

Deste modo, são inúmeras as perspectivas promovidas pela contação de história no ambiente escolar, especialmente na educação infantil, despertando a imaginação, a emoção e o momento de descontração e diversão para a criança, ao mesmo tempo que estimula o desenvolvimento da inteligência, o pensamento crítico e criativo e a socialização entre os grupos, instruindo as crianças para se tornarem cidadãos conscientes, além de despertar o gosto pela leitura de forma prazerosa, o escrever e a vontade de ouvir novamente.

Destarte, a reprodução da história contada é sempre benéfica, sendo que a criança observa algo novo após a contação. Para o RCNEI (1998, Vol.3, p.143),

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita.

Contudo, é preciso estar atento, uma vez que Bettelheim (2009, p.11) apud Silva e Ribeiro (2017) diz que

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Em conformidade com o que foi citado, como na Educação Infantil a criança está na fase de conhecimento, ela vai descobrindo sentimentos e formas de resolver seus conflitos internos, assim como os personagens das histórias ouvidas. É através das histórias que as crianças descobrirão novos mundos e outras formas de agir. Aprenderão de tudo e mais um pouco de uma forma agradável.

O contar histórias exige uma concentração, uma tensão, então, não deve ser contada em meio a bagunças, excitações das crianças, devem ser contadas em um lugar acolhedor, com menos perturbações sonoras, onde as crianças possam ter atenção voltada para a palavra e para o contador de histórias, esse é o grande desafio, que faz uma grande diferença, favorecendo ainda mais o imaginário aproximando os alunos dos livros (FROTA, 2012 apud LIMA, MENDONÇA, SAMPAIO, 2018).

Porém, tão importante quanto a história contada é o espaço físico para que este momento possa favorecer o despertar da imaginação, devendo ser estruturado e pensado visando também ao conforto dos ouvintes. Assim, para que o objetivo da contação de história seja alcançado, é necessário que a atividade seja lúdica, de maneira que possa envolver a criança.

O ato de contar histórias é, então, uma atividade lúdica muito importante para o desenvolvimento infantil. De acordo com Sisto (2001, p.31 apud Bezerra; Oliveira 2012, p. 171), “contar histórias hoje significa salvar o mundo imaginário [...]. Quando se conta uma história, começa a abrir espaço para o pensamento mágico”.

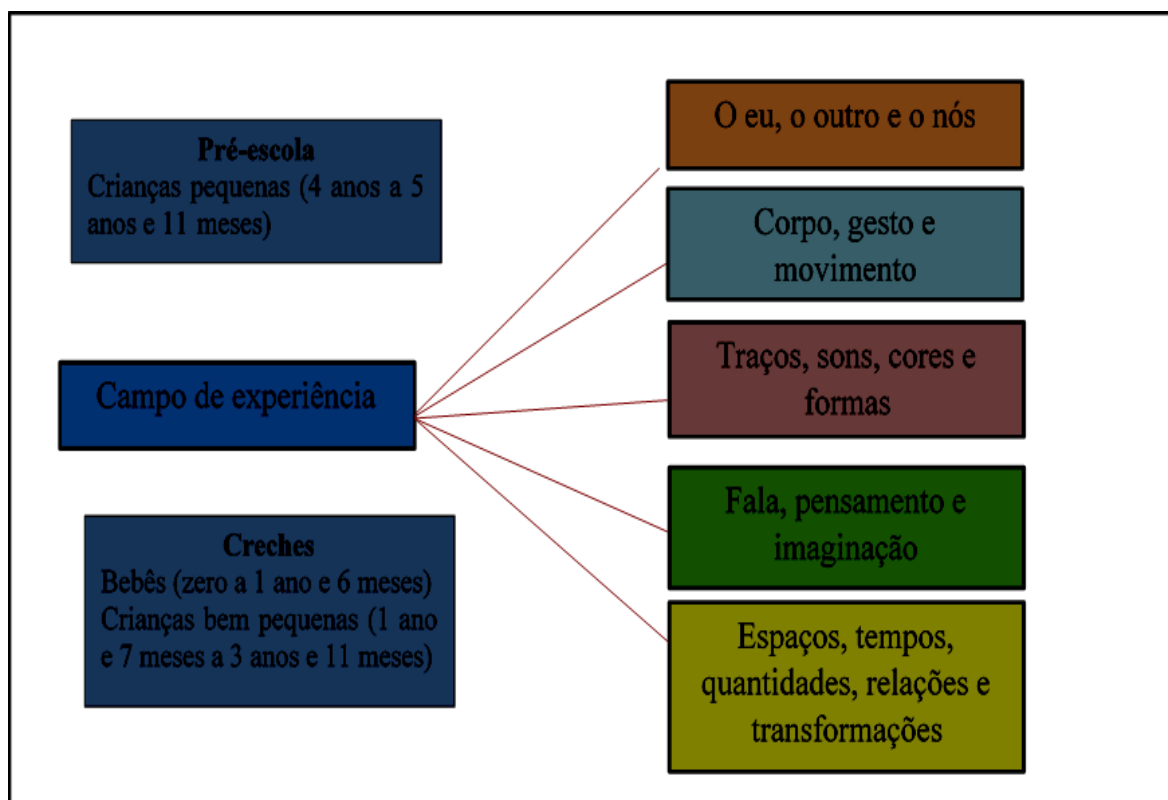
É por isso que o processo narrativo do contar história não deve ser praticado de forma descontextualizada, de qualquer forma, uma vez que os benefícios que poderiam ser proporcionados são anulados. Assim sendo, percebe-se que as histórias, se bem contadas, só trazem melhorias às crianças.

A contação de história no contexto educacional da Educação Infantil, uma vez associada à intervenção do mediador e ao utilizar a criatividade e a dinâmica, promove a participação e a compreensão das crianças, atuando, desse modo, incentivando o imaginário. O professor enquanto mediador detém um papel importante para a evolução intelectual e o desenvolvimento escolar da criança, dado que contribui para desenvolver de construções significativas, auxiliando a criança a adquirir maiores compreensões acerca do mundo.

O contar história enquanto processo lúdico permite que a beleza de cada enredo permeie o universo infantil com vivências, ações e interpretações, de maneira que fábulas, lendas, contos de fadas, dentre outros textos, apresentem narrativas lúdicas, que dialogam com o universo infantil e com o contexto lúdico narrado.

2.2 O CONTAR E O CRIAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Na Educação Infantil, o processo de desenvolvimento da criança é pautado na construção de habilidades por meio dos objetivos de aprendizagem e campos de experiência apresentados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), distribuídos de acordo com a faixa etária de aprendizagem. Sendo assim, encontra-se a seguinte organização:



Quadro 01: Apresentação dos campos de experiências BNCC, desenvolvido pela autora.

Pode-se observar que o processo de desenvolvimento da criança, sugerido pela BNCC, está vinculado à formação emancipadora da criança, de modo que suas habilidades cognitivas, sociais, emocionais e motoras são ampliadas por meio da interação desenvolvida nas instituições de ensino da Educação Infantil e as vivências de cada sujeito. Sendo assim, a criança já detém saberes que são ampliados com o auxílio da mediação docente.

Em cada campo de experiência são elencados diversos objetivos de aprendizagem, que devem ser desenvolvidos mediante a interação do sujeito com o meio, tanto nas instituições de ensino quanto nas interações familiares. Desde modo o docente deve tornar-se um mediador do saber, construindo ações capazes de ampliar estas habilidades que cada criança possui.

O ato de ensinar requer uma constante reflexão sobre a aplicação das teorias de ensino à didática escolar, pois, quando o professor encontra meios de adequar sua metodologia e os conteúdos escolares à vida do aluno em sociedade, a escola torna-se para este um espaço dinâmico e prazeroso.

Essa visão positiva em relação ao ambiente da sala de aula torna-se fator fundamental em todos os anos de estudos, mas principalmente na Educação Infantil,

etapa na qual a criança terá o primeiro contato com a instituição de ensino. Deve-se compreender que neste período o ensinar não se vincula ao conteúdo, mas sim às habilidades de desenvolvimento da criança.

Todavia, para colocar em prática as reflexões citadas, é preciso que os docentes compreendam a importância da teoria na efetivação da sua prática, isto é, somente é possível aplicar metodologias significativas com a ludicidade quando existe pesquisa, leitura e planejamento. Caso essa tríade não seja a base da docência, as aulas podem ser tradicionais, enfadonhas, mesmo nos anos iniciais da educação. Para Antunes (2007, p. 40):

Não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos, sólidos e objetivos. Não tenho dúvidas: se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta entre outras muitas condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana.

Quando não existe uma constante atualização de pressupostos teóricos, o profissional pode não só cometer equívocos no processo de ensino e aprendizagem, mas também não conseguir o interesse das crianças diante das atividades propostas. Nesse sentido, é preciso, antes de tudo, motivar os docentes da Educação Infantil a buscarem teorias, textos e referenciais didáticos que os ajudem a pautar sua prática, tendo como princípio a presença da ludicidade em seu planejamento. Assim, para Almeida (1992):

Uma aula com características lúdicas não precisa ter jogos ou brinquedos. O que traz ludicidade para a sala de aula é muito mais uma "atitude" lúdica do educador e dos educandos. Assumir essa postura implica sensibilidade, envolvimento, uma mudança interna, e não apenas externa, implica não somente uma mudança cognitiva, mas, principalmente, uma mudança afetiva. A ludicidade exige uma predisposição interna, o que não se adquire apenas com a aquisição de conceitos, de conhecimentos, embora estes sejam muito importantes. Uma fundamentação teórica consistente dá o suporte necessário ao professor para o entendimento dos porquês de seu trabalho. Trata-se de ir um pouco mais longe ou, talvez melhor dizendo, um pouco mais fundo. Trata-se de formar novas atitudes, daí a necessidade de que os professores estejam envolvidos com o processo de formação de seus educandos. Isso não é tão fácil, pois implica romper com um modelo, com um padrão já instituído, já internalizado.

Os momentos de atuação no meio escolar devem ser prazerosos, de tal forma que o aprender traga alegria, sorrisos e emoções positivas para a criança, com o brincar e o contar história, vistas essa prática numa perspectiva lúdica. A contação de histórias é uma importante ferramenta pedagógica com possibilidade de contribuir significativamente para a prática docente no contexto da Educação Infantil, uma vez que a escuta de histórias pelas crianças estimula sua imaginação ao mesmo tempo que educa, desenvolve as habilidades cognitivas e torna mais dinâmico o processo de leitura e escrita, constituindo uma atividade interativa, a qual potencializa a linguagem das crianças.

3 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em um estudo que tem enfoque qualitativo, buscando responder ao seguinte questionamento: quais os limites e as possibilidades da contação de história no processo da formação de leitores/as na educação infantil durante o ensino remoto?

O objetivo central consiste em analisar como a contação de história é utilizada na educação infantil para a construção de leitores/as no ensino remoto, em uma instituição de ensino da cidade de Catolé do Rocha.

Acerca do enfoque qualitativo Sampieri, Collado e Lucio (2006, p.5) afirmam que

O enfoque qualitativo, em geral, é utilizado sobretudo para descobrir e reafirmar as questões de pesquisa. Às vezes, mas não necessariamente, hipóteses são comprovadas (GRINNELL, 1997). Com frequência esse enfoque está baseado em métodos de coleta de dados sem medição numérica, como as descrições e as observações. Regularmente, questões e hipóteses surgem como parte do processo de pesquisa, que é flexível e se move entre os eventos e sua interpretação, entre as respostas e o desenvolvimento da teoria. Seu propósito consiste em “reconstruir” a realidade, tal como é observada pelos atores de um sistema social predefinido. Muitas vezes é chamado de holístico, porque considera o “todo”, sem reduzir ao estudo de suas partes.

Mediante as abordagens dos autores, pode-se compreender que a pesquisa qualitativa situa-se no universo de significados, crenças, motivos, valores, aspirações e atitudes, dos fenômenos e dos processos que não se podem reduzir à mera operacionalização das variáveis.

A pesquisa foi realizada em uma creche municipal da cidade de Catolé do Rocha – PB, a qual conta com 175 alunos com idades de zero a três anos e onze meses, divididos em oito turmas no ano letivo de 2020. Propõe-se uma análise de atuação metodológica de duas docentes da turma do Maternal II. O processo de observação aconteceu de forma remota. Neste sentido, as observações aconteceram no grupo de WhatsApp da turma e através da participação dos planejamentos das atividades, que aconteceram na plataforma do google meet. Sendo assim, o campo empírico desta pesquisa é virtual.

No que se refere às técnicas utilizadas, buscou-se construir procedimentos de análise de dados coletados em campo, observando o universo estudado em prol de respostas para as questões propostas, bem como a leitura de textos acerca da temática selecionada que ampliarão os conhecimentos acerca do objeto analisado.

A pesquisa foi construída considerando as necessidades do novo contexto atual social, de maneira que os instrumentos de coletas de dados dialogam entre o processo de análise e as ações desenvolvidas para coletar as informações necessárias. Sendo assim, optou-se por trabalhar com um questionário e análise de vídeo e do planejamento docente.

Optou-se pelo questionário pois o mesmo é uma técnica pertinente para ser empregada em questões de cunho empírico, buscando a observação, a percepção, o posicionamento e a influência dos sujeitos analisados. Foram desenvolvidas questões subjetivas, com perguntas acerca da contação de histórias, do processo de ensino remoto na educação infantil e da necessidade da ludicidade durante o contar histórias.

Foram selecionados três vídeos de contação de história para que se pudesse compreender como as docentes da turma utilizam suas metodologias no processo de contar história durante os encontros virtuais com as crianças, abrangendo elementos como cenário, personagens, procedimentos lúdicos, dentre outros fatores que podem ser observados no contar história.

Deste modo, esta pesquisa é construída e desenvolvida em um campo empírico, formulando ações e procedimentos que permitem a compreensão de possíveis respostas para o questionamento proposto, para que assim se possam atingir os objetivos de estudo.

4 CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIA NO PROCESSO DA EDUCAÇÃO REMOTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No atual contexto social, a educação, tal qual todos conheciam, baseada na interação entre educando e educador, entre o sujeito e o contexto escolar, não ocorre como antes, envolvendo o tradicional trabalho em sala de aula. Hoje, o processo de ensino acontece de forma remota, de maneira que o grupo de WhatsApp se tornou a sala de aula e as plataformas como Google Sala de aula se tornaram uma extensão de toda escola. O Google Meet tornou-se uma das ferramentas mais eficazes para a interação olho a olho, sendo as Tecnologias da Informação e Comunicação os recursos que possibilitam a propagação da educação.

Todas estas modificações estão ocorrendo em decorrência do atual contexto de pandemia instaurada pela Covid-19, o que ocasionou o isolamento social em todo o mundo. Todos pararam e precisaram reaprender a viver de uma forma distante: escolas fecharam suas portas, alunos passaram a ser educados em casa, o ensino passou a ser domiciliar e necessita de ações que oportunizem uma aprendizagem significativa para todos os educandos.

Todas as modalidades do ensino e suas etapas educativas passaram a ser desenvolvidas por meio de plataformas midiáticas. Desse modo, a Educação – desde a base: as creches e pré-escolas – aderiu a estas novas práticas. Assim, a criança, que antes tinha os dois ambientes, o educacional e o familiar, passou a ter a casa como extensão das instituições que antes frequentava, recebendo instruções escolares à distância, exigindo um maior acompanhamento familiar.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) destaca, acerca da interação familiar com o ensino.

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito

próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação.

A interação entre o ensino e a família neste novo modelo de educação é de extrema importância, pois a criança que frequenta uma creche está na faixa etária de 0 a 3 anos e 11 meses. Nesta fase, este sujeito apresenta dependência, pois está começando a desenvolver suas habilidades motoras, sociais, emocionais e cognitivas. Neste sentido, pode-se compreender que, para ter uma aprendizagem significativa, família e escola devem ter o mesmo pensamento e objetivo, que é proporcionar para a criança situações nas quais o seu desenvolvimento seja possível.

O processo de aprendizagem na educação infantil é algo que precisa ser desenvolvido tendo como base a interação entre o mundo da criança e o conhecimento que será mediado no contexto educacional, ou seja, entre o real e o imaginário, trazendo assim ações lúdicas e o brincar para o processo de mediação do ensino.

Froebel (1896, p.54-55) destaca que o brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança:

Brincar é a atividade mais pura, mais espiritual do homem neste estágio da vida humana como em toda a vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Ela dá, assim, alegria, liberdade, contentamento interno e descanso externo, paz com o mundo. Ele assegura as fontes de tudo o que é bom. Uma criança que brinca por toda a parte, com determinação auto-ativa, perseverando até esquecer a fadiga física, poderá seguramente ser um homem determinado capaz de auto sacrifício para a promoção deste bem-estar de si e dos outros.

Como ressalta o autor, o brincar é algo mágico, que oportuniza a mais pura forma de alegria, interação, participação. É brincando que a criança expressa suas emoções, sentimentos, desejos e saberes, uma vez que, na brincadeira, ela se sente segura e capaz de demonstrar tudo o que sabe.

Deve-se compreender que o processo de utilização da brincadeira, do brinquedo e do jogo como forma de oportunizar uma aprendizagem contextualizada com o mundo infantil é algo necessário para o desenvolvimento da criança enquanto indivíduo social, dono de suas ações e de seus saberes. Segundo Kishimoto (2003), a brincadeira pode ser compreendida como ação do brincar, comportamento espontâneo, fruto assim de uma atividade não estruturada, visto que a criança,

quando brinca, não está formulando ações presas a um objetivo específico, mas está apenas ligada ao campo da imaginação, da fantasia, do lúdico. O jogo, por sua vez, apresenta objetivos e regras, mas de forma contextualizada com a brincadeira, ou seja, o jogo é o ato concretizado da união de brinquedos, brincadeiras e ações.

Acerca disso, Kishimoto (2002, p. 12) destaca

Os jogos, o brinquedo e as brincadeiras educativas devem ser orientados para estimular o desenvolvimento cognitivo e são importantes para o desenvolvimento do conhecimento escolar. Além disso, são fundamentais para a criança por iniciá-la em conhecimentos e favorecer o desenvolvimento mental.

Outro recurso utilizado tanto pelos educadores quanto pelos pais com crianças pequenas é a contação de história, pois é por meio dessas histórias que a criança desenvolve suas habilidades de interpretação e reconhecimento do real e o não real, desenvolvendo competências de autoconhecimento e reconhecimento do contexto em que estão inseridos. Desse modo, observa-se que, para contar uma história para uma criança, usam-se diversos recursos, como entonação, cenário, gestos, dentre outros, auxiliando na formação leitora que está apenas começando.

Pensando nisso, esta pesquisa teve como questão norteadora o seguinte questionamento: quais os limites e as possibilidades da contação de história no processo da formação de leitores/as na educação infantil durante o ensino remoto?

Tendo em mente este novo contexto social, a pesquisa foi desenvolvida em uma creche da rede municipal de Catolé do Rocha, Paraíba, a qual conta com 175 alunos no ano de 2020, subdivididos em oito turmas, do Berçário ao Maternal II, os quais passaram a ser atendidos em salas de WhatsApp.

Para esse trabalho, foram escolhidas a turma do maternal II, com 20 educandos com idades entre 3 e 4 anos. A turma possui duas docentes; a docente A leciona no horário matutino e a docente B no horário vespertino, de maneira que, durante este novo processo metodológico, ambas dividem suas atividades. Os vídeos são gravados separadamente e cada uma posta conteúdos no grupo da sala de aula, cada uma em um dia. A contação de história é desenvolvida por meio de rodízio, visto que a instituição possui mais duas turmas do maternal II, cada uma com mais uma docente por turma, totalizando 4 profissionais que se revezam para contar histórias.

Sendo assim, a cada sábado deleite¹ uma nova professora conta sua história e a repassa para suas colegas postarem em seus grupos, de maneira que este recurso é utilizado como forma de proporcionar um momento para a criança deleitar-se com novas histórias, sem estar arraigada a conteúdos.

Dessa forma, tem-se como objetivo analisar como a contação de história é utilizada na educação infantil para construção de leitores/as no ensino remoto, seus limites e possibilidades.

O processo de ensino remoto na referida instituição iniciou-se no dia 09 de junho de 2020, tendo como base, neste primeiro momento, um plano estratégico desenvolvido pela gestão e supervisão, que objetivava, nos primeiros quinze dias, priorizar a interação e o retorno do vínculo existente entre educador e educando, bem como apresentar para a família este novo contexto escolar. Desse modo, a temática da saúde foi escolhida pela instituição para dar início a esse processo, passando orientações e cuidados necessários para o momento de isolamento social.

Para compreender este novo contexto e como ele está interferindo na educação infantil, realizou-se um questionário voltado às professoras da turma escolhida. O primeiro questionamento para as docentes foi: Na sua opinião o ensino remoto na educação infantil, na creche, é de fato algo efetivo e necessário?

As mesmas responderam da seguinte forma:

“O ensino remoto na educação infantil é visto por muitos como algo desnecessário, mas precisamos compreender que o processo de ensinar, seja em qual for a etapa, é necessário. É preciso compreender que as estratégias e metodologias devem ser repensadas, reconstruídas e modificadas. Para o contexto da creche, este ensino é a possibilidade de mostrarmos que esta instituição não é assistencialista apenas, que vai além do cuidar. A mesma é um espaço no qual a criança aprende e desenvolve suas competências. Hoje o docente orienta e a família coloca em prática, mas mesmo a distância este ensino é efetivo e necessário” (Docente A).

Como é possível perceber no discurso da docente, ela considera que o processo de ensino precisou passar por diversas modificações para que pudesse atender as necessidades encontradas no decorrer do caminho e defende o uso de novas metodologias, novas ações e estratégias, mesmo na Educação Infantil, que oportunizem, da melhor forma, para a criança, ações de desenvolvimento cognitivo,

¹ Nome dado ao momento de contação de histórias, desenvolvido por toda rede municipal da qual a instituição que as docentes lecionam faz parte.

afetivo, social e motor. Questiona-se: este processo de atuação, mesmo com todas as modificações metodológicas está de fato tendo como foco a criança ou está sendo apenas uma forma de transmitir conteúdos para este sujeito que é considerado como aluno, apesar de ser apenas uma criança em desenvolvimento?

Em relação ao primeiro questionamento, a docente (B) respondeu da seguinte forma:

“Hoje vivemos em um mundo diferente, no qual o ensino passou a ser ofertado em casa, mas cabe a nós professores construir mecanismos capazes de tornar este ensino eficiente, principalmente para a criança, pois elas estão começando a conhecer o que é escola, estão começando a falar, interagir com o contexto, desenvolvendo suas habilidades, as quais serão ampliadas no decorrer da sua formação, mas como podemos fazer este ensino realmente funcionar ainda não sabemos, mas estamos aprendendo. Hoje eu sei que sou professora, técnica em informática, produtora de vídeos, dona de casa, mãe e esposa, funções estas que precisam agora se encontrar e se organizar para dialogarem no mesmo espaço, pois, assim como nossos alunos, nós também estamos aprendendo, não temos mais nossa sala, nosso quadro, nossos pequenos ali na frente. Hoje nós temos computadores e celulares, grupos e plataformas, hoje a metodologia e as estratégias educacionais se transformaram para atender ao contexto remoto” (Docente B).

Por meio do discurso construído pela segunda docente em relação ao questionamento proposto, pode-se observar que a mesma apresenta um discurso semelhante ao da anterior, mas destaca os dois lados do processo: tanto o do educando quanto o do docente, visto que ambos precisaram passar por um processo de adequação.

A criança, que antes adentrava na instituição e encontrava na figura docente um mediador para a construção de um novo conhecimento, hoje vivencia o processo de ensino por meio de uma tela, na qual a figura de sua professora é apenas um reflexo, sem interação, sem contato, apenas evidenciando-se o processo de repasse de conteúdo, de enredos ou de informações. Com isto, é evidente que este processo de ensino remoto apresenta possibilidades, mas infinitos limites.

Deve-se compreender que os docentes precisaram adentrar neste mundo novo, apesar de que alguns não possuíam noções tecnológicas suficientes, formações que viabilizassem o ensino com esses recursos, domínio dos recursos disponíveis nos aparelhos celulares e computadores, fazendo-se importante a formação continuada, a busca pelo novo e pelo que se é utilizado dentro e fora do contexto escolar, uma vez

que toda sociedade e suas necessidades estão sempre em transformação. De acordo com Justo (2001, p.72):

[...] não são só os computadores que mudam rapidamente, mas também os processamentos e metabolismos do ser humano. Não se trata de visualizar o perfil da sociedade contemporânea apenas na política, economia, nas artes e tecnologia, mas correlativamente, apreender a fisionomia do sujeito embrenhado nela. Como o ser humano está respondendo ou se adaptando ativamente às exigências da sociedade? Como está direcionando e remodelando sua sociabilidade no cotidiano, sua vida efetiva, seus hábitos e afazeres, enfim, que subjetivações estão emergindo?

Como o autor destaca, o processo de desenvolvimento não é só tecnológico. Visto que a sociedade passou por diversas transformações, as crianças hoje apresentam noções acerca deste novo mundo tecnológico. Este contexto está de fato interligado à nova geração, mas os educadores devem compreender que os dois mundos, o virtual e o real, devem interligar-se, para que assim possam possibilitar um ensino emancipador.

Em meio a este novo contexto educacional, como é possível trazer para as crianças, que estão corriqueiramente acostumadas a utilizar os recursos tecnológicos, formas de ampliação das suas habilidades e competências? Quais as metodologias capazes de trazer elementos do mundo da criança, do lúdico, do brincar, do criar e recriar?

É necessário que o ensino remoto traga em suas abordagens a essência do mundo infantil, a qual é construída pelas risadas, pela beleza do imaginar, pela possibilidade de ser herói, princesa, gigante, o que a imaginação pede durante a contação de história. Desse modo, é preciso entender que a criança é a protagonista neste contexto, nesta construção de metodologias.

Com base nestas reflexões, as docentes responderam à seguinte questão: Como o processo da contação de história pode ser desenvolvido em meio ao novo modelo da educação remota, sem perder a essência do mundo infantil?

“Logo no início, quando fomos debater como fazer isso, meu maior medo era justamente perder a beleza da história, do enredo, dos personagens, do lúdico. Nossa! Foi muito difícil no primeiro contato, mas como somos professores e somos capazes de muita coisa com uma folha de EVA, passei a construir recursos para cada história que iríamos contar, para trazer cores, desenhos, objetos que

aproximassem a criança desse momento que eles tanto amam, a hora de ouvir uma história” (Docente A).

Pode-se perceber que a docente buscou trazer elementos que familiarizassem a criança com o novo contexto, com as novas ações e procedimentos de ensino que agora fazem parte do mundo da criança. A sala de aula agora está sendo o grupo de WhatsApp, as atividades são feitas em casa, tudo se modificou e se torna importante trazer formas de manter o vínculo entre a criança e a escola, como bem destaca o discurso da segunda docente:

“Meu primeiro pensamento ao imaginar contar histórias de forma remota me levou àquele modelo de educação que só repassa o discurso, conta, conta, sem emoção, sem alegria, mas quando parei para pensar, percebi que poderia utilizar o mundo que as crianças hoje estão acostumadas, com suas cores, animações e formas. Hoje eu me sinto dentro de um desenho animado em algumas histórias, apesar de o meu filho editar a maioria das coisas que faço para trazer mais efeitos, sons e músicas. Um recurso que uso muito é a tela verde: ela me permite trazer tantas imagens, cenários... Nossa! Ela vai me fazer falta na sala de aula, mas sinto muita falta do olhar dos meus pequenos ouvindo cada palavra, cada som, cada sorriso” (Docente B).

O discurso da docente evidencia que o uso de recursos torna mais fácil a contação de história neste momento de ensino remoto, de forma que as metodologias do docente devem dialogar com o contexto social atual, oportunizando a junção de efeitos tecnológicos com as práticas docentes.

Nos tópicos abaixo serão apresentadas três contações de histórias, percorrendo os principais aspectos, metodologia, ações e contextos, buscando compreender como a contação de história é utilizada na educação infantil para a construção de leitores/as no ensino remoto, suas possibilidades e limites, apresentando como as docentes utilizam este recurso durante as ações metodológicas remotas na educação infantil.

4.1 BORBOLETINHA

Para o processo de contação de história, devem-se considerar diversos fatores, como entonação da voz, cenário, enredo, personagens, recursos, dentre outros, para que se possa trazer a atenção das crianças para o momento de ouvir, visto que estes

recursos interferem no processo de formação leitora, pois é ouvindo histórias que a criança inicia a construção das suas competências leitoras.

Os elementos acima mencionados devem ser considerados no momento da gravação dos vídeos para contação de história, visto que é esse o recurso utilizado pela professora para oportunizar o ensino remoto, trazendo objetos que aproximem a criança desse novo mundo, sendo de extrema importância o planejamento dessas aulas. No que se refere ao planejamento, ambas as docentes o fazem de acordo com a BNCC, trazendo elementos que esta base orienta para construção do ensino/aprendizagem, conforme se pode observar na imagem a seguir.

01/08/2020 Leitura deleite	Escuta, fala, pensamento e imaginação.	Desenvolver a imaginação e criatividade e gosto pela leitura através da contação de histórias.	História cantada: "A borboletinha"	Envio de vídeo com a história cantada "A borboletinha", pelo WhatsApp, para a Leitura deleite.	Acompanhar e recontar a história "A borboletinha", através do vídeo postado no grupo de WhatsApp	Através do Feedback dos educandos da atividade proposta.
-------------------------------	--	--	------------------------------------	--	--	--

Quadro 02: Planejamento docente para contação de história "A borboletinha"

No planejamento das docentes, encontra-se o campo de experiência, o qual está interligado às competências de leitura e formação leitora, bem como no desenvolvimento da imaginação, do auto reconhecimento e do pensamento autônomo da criança, visto que o objetivo da história é desenvolver a criticidade, o gosto por ler, ouvir e recontar histórias.

Acerca dos Campos de Experiência, pode-se destacar, em consonância com a BNCC (2017, p.40):

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.

Conforme a orientação da BNCC, pode-se compreender a importância da contextualização e a interação entre as situações e experiências concretas, de maneira que o processo de ensino precisa dessa contextualização entre as competências e os objetivos de aprendizagem.

Em relação à contação de história, o vídeo da docente B, que leciona na turma no horário vespertino, apresenta diversos recursos que instigam a curiosidade e a imaginação da criança.

A docente inicia seu vídeo com uma fantasia de bruxa, mexendo em um caldeirão, usando entonação e voz de bruxa. O vídeo é composto de tecnologias e cenários fictícios. A mediadora usa como recursos cenário colorido, música e tenta interagir com a criança.

A história é contada de forma animada e divertida, muito parecida com os desenhos animados. A mediadora usa a fantasia, música e entonação para que esses elementos possam interferir na imaginação das crianças, possibilitando inúmeros questionamentos e beleza para os pequenos.

A docente faz o possível para trazer a magia da contação de história como acontece no ambiente escolar, com alegria, elementos, personagens e cenários, para as casas das crianças. Assim, compreende-se que todo esforço é válido para levar alegria e desenvolvimento para essas crianças que estão sendo bastante prejudicadas pelo momento atual.

Nessa direção, Pillon e Rozek (s/d, P. 07) afirmam que

É impossível a educação sem livros. Não existe sistema nem tecnologia que possa substituí-los, porque o livro na escola representa uma ideia totalizadora e canonizadora do saber, e incorpora conhecimentos e desenvolve o imaginário, únicas maneiras de moldar um pensamento crítico próprio.

O processo de atuação metodológica presencial tem extrema relevância para o aprendizado da criança, para que ela possa escutar a história, mas também para que tenha contato com o livro, manipule, leia as gravuras, viaje no mundo da fantasia e do faz de contas, podendo trazer para a sua realidade o que no livro é expresso, buscando soluções para seus problemas.

Pode-se perceber que a segunda docente, com ajuda de recursos tecnológicos, tornou-se capaz de se transformar em um personagem da história, o que para a

criança é algo mágico, com elementos criativos, divertidos e encantados. Desta forma, o processo de contação de história não perdeu seu encanto.

4.2 O PLANETA ESTÁ COM FEBRE

A história contada pela docente A foi apresentada em vídeo com recursos construídos pela professora, gravado em sala de aula, no ambiente que os alunos conhecem, de forma clara e objetiva, tendo como objetivo despertar o gosto pela leitura, direcionado para o campo de experiência “espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, como se pode observar na imagem a seguir.

20/06/2020 Leitura Deleite	Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.	Despertar o gosto pela leitura.	Meio ambiente História: "O Planeta está com febre"	Postagem de vídeo com a leitura do livro: O Planeta está com febre de Luciana Rosa, no grupo de WhatsApp.	Acompanhar a leitura do livro: O planeta está com febre através do vídeo postado no grupo de WhatsApp.		Através do Feedback dos educandos das atividades propostas.
----------------------------------	--	---------------------------------	--	---	--	--	---

Quadro 03: Planejamento docente para contação da história “O planeta está com febre”

Assim, como no planejamento anterior, a docente segue um modelo baseado na BNCC. Como os demais vídeos, inicia com uma música instrumental. Contudo, essa é mais calma e um pouco melancólica. A história é contada na sala de aula e, para auxiliar na contação, a mediadora usou cartões com figuras relacionadas aos personagens da história; o cenário é composto apenas por uma cortina que fica por trás da docente.

Nessa história não houve alegria, uma vez que a voz usada foi bem lenta e sem emoção. A maneira como a narração foi contada limitou a imaginação das crianças e o aprendizado. De acordo com Abramovich (1997, p.17) apud Pillon e Rozek (s/d):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve.

A contação de histórias, além de ser parte essencial da dimensão pedagógica e da criatividade, proporciona que a imaginação e a fantasia sejam desenvolvidas de forma que a criança seja envolvida e tenha a oportunidade de sonhar, sorrir e viver a história e com ela aprender a conviver de uma forma mais democrática e humana. Através de exemplos e de leituras prazerosas e lúdicas, a criança pode tornar-se um leitor assíduo. A falta de interação torna defasado este processo.

O processo de defasagem, mencionado acima, refere-se à falta de interação, à impossibilidade de compreender se realmente este processo é lúdico para criança, ou apenas para a docente. A Rede Nacional Primeira Infância (2020) escreveu uma carta aberta dirigida ao presidente do Conselho Nacional de Educação, em que merecem destaque alguns pontos, a saber:

- É preciso compreender que o Currículo, na Educação Infantil, deve ser pautado em experiências vivenciadas pelas crianças mediante diversas situações em diferentes contextos. Deste modo, não se encontra um currículo estruturado em conteúdo, mas em situações educativas, as quais são desenvolvidas pelos professores, com base em observações acerca das crianças em seu cotidiano. Deste modo, pode-se compreender que o processo de educar na Educação Infantil não se aplica à educação a distância, uma vez que este processo de metodologias tende a ligar-se ao repasse de conteúdo;
- A principal forma de comunicação que o adulto encontra para falar com uma criança é por meio das brincadeiras, em situações de seu cotidiano, sejam elas no contexto educacional ou familiar. Por meio das brincadeiras, estes sujeitos se expressam, movimentam seu corpo, dançam, cantam, jogam e recriam mundos de faz de conta, transmitindo seus sentimentos em meio a este contexto do brincar, desenhando e vivenciando situações lúdicas sem imposição de seu desenvolvimento educacional.

Levando em consideração estes dois pontos percorridos na carta desenvolvida pela Rede Nacional Primeira Infância, torna-se necessário compreender que o processo de ensino na educação infantil deve priorizar a criança como sujeito dono de saberes e ações que precisam ser consideradas como base para o processo de ensino e construção do currículo.

É necessário compreender que o contexto atual de isolamento social ocasiona para estas crianças uma forma de aprendizagem nova. Consequentemente, é necessário um processo de ensino pautado neste novo contexto de aprendizagem da

criança. O ensino do docente, neste sentido, deverá ser reflexo das ações que as crianças precisam desenvolver para ampliar suas competências e habilidades cognitivas, sociais, emocionais e motoras.

Ao compreender esta necessidade de adaptação curricular e metodológica, pode-se observar que o enredo da história contada pela docente remete ao mundo atual, contextualizando-o com as ações que ocorrem na vida cotidiana, dando importância ao processo do cuidar do meio, das plantas e dos seres vivos, de maneira que as orientações percorridas na história pela docente associam-se a situações concretas, interligando o imaginário ao real e instigando a criticidade da criança.

Apesar de que os adultos evidenciam todos os aspectos mencionados anteriormente acerca do enredo, questiona-se: a criança que está em casa será capaz de compreender o que está sendo exposto, ou irá evidenciar este momento como algo sem interesse, visto que não há a presença do lúdico nas ações metodológicas desenvolvidas pela professora?

4.3 A CASA SONOLENTA

A última história analisada foi contada pela docente B, tendo como direcionamento o campo de experiência “o eu, o outro e nós”, seguindo o seguinte planejamento:

05/09/2020	O eu, o outro e nós	Desenvolver a imaginação e criatividade e gosto pela leitura através da contação de histórias.	História: “A Casa Sonolenta”	Exibição do vídeo com a história: “A Casa Sonolenta”	Acompanhar e recontar a história “A Casa Sonolenta”, através do vídeo postado no grupo de WhatsApp	Através do Feedback dos educandos da atividade proposta.
------------	---------------------	--	---------------------------------	--	--	--

Quadro 04: Planejamento docente para contação de história “A casa sonolenta”

O processo metodológico de atuação utilizado pela docente é construído tanto com recursos tecnológicos quanto com outros confeccionados pela mesma, de forma que o cenário demonstra para o aluno noções do dia e da noite, noções de espaço, com a presença de ludicidade, alegria e brincadeira, visto que a forma como a história foi narrada cativa a criança no momento de ouvir.

O vídeo inicia com uma música instrumental animada, com o nome da creche e da turma. A mediadora conta a história sentada em um cenário fictício (usando tecnologia). Ao lado dela observa-se uma casinha confeccionada em EVA, com as portas abertas, a qual ela usa, juntamente com outros personagens confeccionados, para dar vida à história. Num certo momento o cenário muda da noite para o dia e a professora finaliza a historinha.

Apesar da tentativa de trazer a ludicidade por meio do cenário colorido e das confecções dos materiais, essa tentativa é falha, pois sabe-se que só isso não torna a contação de história lúdica e prazerosa. São necessários aspectos que relembrem o processo de interação entre os sujeitos, ou seja, é preciso, mesmo de forma diferenciada, aproximar a criança deste momento, com simples ações, como chamar o nome, dizer que quer ouvir ele recontar a história, chamá-lo para participar do momento e utilizar outras ações que possam proporcionar interação.

Segundo RCNEI (1998, p 31) “a interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças”. No contexto instaurado pela pandemia do Covid-19, o momento de troca de saberes fica dificultado, uma vez que o ensino remoto não propicia novos conhecimentos por meio da interação e da convivência da mesma maneira que as atividades presenciais estabeleciam.

A contação de História é um elemento fundamental para o ensino infantil, pois é um momento que deve ser prazeroso, cheio de encantos e alegria para os pequenos. No entanto, o momento de ensino remoto não está sendo eficaz, uma vez que fica impossível que as docentes tenham certeza se as crianças estão tendo acesso ao vídeo (há muitos motivos para que as mesmas não assistam aos vídeos, por exemplo, falta de um aparelho celular com internet, falta de conexão com a internet, falta de tempo dos pais, entre outros).

Como evidenciado em uma das falas das docentes, no presente momento, todos os componentes da escola estão sendo prejudicados e o ensino remoto foi uma brecha que encontraram para que as crianças não ficassem sem contato com a instituição, suas professoras etc. Isso só evidenciou o quanto a educação brasileira é defasada, pois faltam recursos de todos os tipos, bem como uma formação continuada eficiente para os professores e outros aspectos. Com isso, fica mais evidente que o aluno não é o centro da aprendizagem, evidenciando-se uma educação que valoriza

o conteúdo sem levar em conta os anseios dos alunos, especialmente quando se fala em crianças tão pequenas, que estão começando a ter contato com o mundo escolar.

Pode-se compreender que o processo da educação remota apresenta possibilidades, mas inúmeros limites, especialmente na educação infantil, embora se esteja vivendo uma situação emergencial. É necessário, neste momento, encontrar mecanismos para que a criança seja valorizada e estimulada em todos os contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que a contação de histórias auxilia na formação humana, devendo ser desenvolvida e apreciada na escola e em casa com o objetivo de estimular a imaginação, a memória, a atenção, a linguagem, o gosto pela leitura e diversas outras habilidades humanas, buscando-se auxiliar no processo de aprendizagem e de socialização das crianças.

A contação de história, uma vez que é associada à intervenção do professor, sendo que este deve utilizar a dinâmica e a criatividade, promove a participação e a compreensão da criança, que tem seu imaginário estimulado.

O processo de contar história interliga-se à formação da criança como um todo, unindo o seu imaginário ao real, propiciando vivências de aprendizagens, as quais oportunizam um desenvolvimento emancipador, em que a criança é dono do seu saber e de suas ações, cria, constrói, modifica e transforma, por meio do enredo, o seu conhecimento.

Tendo em mente esta concepção acerca da contação de histórias, pode-se compreender que, durante o processo de ensino remoto, o narrar passou por transformações, pois não há a tão necessária interação, bem como a participação das crianças, visto que o distanciamento não permite que a criança participe ativamente deste momento.

O processo de utilização da contação de histórias na educação infantil está interligado à formação de leitores, uma vez que é nesta fase que a criança adentra o universo literário com mais frequência, tendo em vista que muitos têm seu primeiro contato com a literatura através da escola. Desse modo, é neste contexto escolar que a criança começa a construir suas competências literárias, as quais serão desenvolvidas no decorrer de sua vida. Para isso, a contação de história apresenta-se de extrema importância, pois, ao ouvir o educador narrar uma história, a criança está aprendendo a interpretar, a recontextualizar e a formular seus próprios enredos.

Apesar desta formação leitora iniciar por meio do ouvir a história, no novo contexto educacional isto torna-se um dos limites encontrados pelas docentes da turma analisada, visto que as mesmas buscam propagar de forma lúdica enredos que deverão ser ouvidos em casa por seus alunos. Mas como saber se a história está realmente sendo ouvida, compreendida e perpassada para as crianças, visto que a

interação é a peça chave para construção de leitores, interação com o texto, com o contexto, com o autor e com leitor?

As docentes da turma analisada demonstraram ter domínio dos recursos tecnológicos necessários neste novo momento de atuação. As mesmas buscaram sempre trazer para este novo modelo momentos nos quais a relação entre o mediar e o aprender são a base para o desenvolvimento de todos que fazem parte do contexto educacional.

Mas apenas dominar estes recursos não significa realizar de forma construtiva o ensino. Tendo em vista que a tecnologia se tornou o principal recurso (embora não seja o único), é preciso elaborar planos para instigar a criança, fazer com que ela se sinta parte do novo contexto, desta nova ação metodológica, oportunizar, mesmo que de forma remota, a participação destes sujeitos no momento da contação de histórias, pois este recurso, tão necessário para formar novos leitores, pode também se tornar algo que não atingirá o seu objetivo.

É preciso que o educador compreenda que trazer a criança para este momento de contar história permite uma construção de saberes na qual as crianças são donas de suas ações, ou seja, durante o período de ensino remoto, o processo de falar o nome, de mostrar uma foto, de trazer o sujeito para o enredo pode tornar o momento de contação de história mais prazeroso e eficaz, tornando assim este momento uma forma de demonstrar que as crianças fazem parte da construção de saberes.

Deve-se considerar que nesse contexto o elemento lúdico é fator primordial, pois o mesmo possibilita às crianças desenvolverem suas habilidades intelectuais sem opressão ou punição. A criança tem, a partir do universo literário, oportunidade de aprender brincando.

Portanto, ao brincar, a criança se desenvolve integralmente e passa a conhecer o mundo em que está inserida, visto que o lúdico possibilita o desenvolvimento de construções significativas, levando a criança a uma melhor compreensão do mundo.

Neste sentido, compreende-se que o processo de aprendizagem, de ouvir e contar histórias no novo modelo de ensino, frequentemente não apresenta formas de ampliar o saber da criança do modo como de fato o educando precisa. Nesse sentido, é preciso compreender que a base do ensino deve ser o lúdico e a interação, embora no contexto atual a base é, muitas vezes, apenas o repasse de conteúdo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. Artigo científico, 2009. Disponível em <https://www.cdof.com.br/recrea22.htm>. Acesso em 25 de abril de 2019.

_____. **Muito além da gramática**: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

BARBOSA, M. C.; HORN, M. G. S. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009.

BEZERRA, L. T.S; OLIVEIRA, S.M.L.G. **Pensamento, linguagem e ludicidade na educação infantil**. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 2012.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 31. ed., 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2015. Disponível em: . Acesso em: 25 de setembro de 2020.

BRASIL. **Referencial Curricular Para A Educação Infantil**. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Referencial Curricular Para A Educação Infantil**. v. 3, Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHATEAU, J. **O jogo da criança**. 2 ede. São Paulo: Summus, 1997.

COELHO, N.N. **O conto de fadas**: símbolos-mitos-arquétipos. 4.ed. São Paulo: paulinas, 2012.

COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 12 ed. São Paulo. Ática, 2003.

FROEBEL, F. **The education of man**. In: HARRIS, W.T.(Ed.). The international series. New York- London: D. Appleton and Company, 1896, 1897. Vol 5.

JUSTO, J. S. **Criatividade no mundo contemporâneo**. In: VASCONCELOS, M. S. (org.). Criatividade. São Paulo: Moderna, 2001.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7ª edição. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A Educação do Olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Editora Mediação, 4 ed., 2006.

PILON, Maria Conceição; ROZEK, Marlene. **A Formação de leitores na Educação Infantil**. IN: Perspetivas sociológicas e educacionais em estudos da criança: as marcas das dialogicidades luso-brasileiras. 2012, Disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/9125/3/A%20voz%20das%20educadoras.pdf>. Acesso em 25 de setembro de 2020.

Rede Nacional da Primeira Infância, 23 de março de 2020, Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/carta-aberta-da-rede-nacional-primeira-infancia-dirigida-ao-presidente-do-conselho-nacional-de-educacao-2/> Acesso em 24 de setembro de 2020.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodología de la Investigación**. 3. ed. México: McGrawHill, 2003.

SILVA, J. P.; RIBEIRO, J M. A importância da literatura na alfabetização. **R. Eletr. Cient. Inovação Tecnológica, Medianeira**, 2017: Edição Especial - Cadernos Ensino / EaD, 2017. Disponível em: https://revistas.utfpr.edu.br/recit/article/viewFile/e-4771/pdf_1_. Acesso em: 09 de Abril de 2020.

VYGOTSKY, L, S. **Aprendizagem, desenvolvimento e linguagens**. 2.ed. São Paulo: Ícone, 1998.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Moraes, 1988.

APÊNDICE

DOCENTE A

1. Na sua opinião, o ensino remoto na educação infantil, na creche, é de fato algo efetivo e necessário?

O ensino remoto na educação infantil é visto por muitos como algo desnecessário, mas precisamos compreender que o processo de ensinar, seja em qual for a etapa, é necessário. É preciso compreender que as estratégias e metodologias devem ser repensadas, reconstruídas e modificadas. Para o contexto da creche, este ensino é a possibilidade de mostrarmos que esta instituição não é assistencialista apenas, que vai além do cuidar. A mesma é um espaço no qual a criança aprende e desenvolve suas competências. Hoje, o docente orienta e a família coloca em prática, mas mesmo a distância este ensino é efetivo e necessário.

2. Como o processo da contação de história pode ser desenvolvido em meio ao novo modelo da educação remota, sem perder a essência do mundo infantil?

Logo no início, quando fomos debater como fazer isso, meu maior medo era justamente perder a beleza da história, do enredo, dos personagens, do lúdico. Nossa! Foi muito difícil no primeiro contato, mas como somos professores e somos capazes de muita coisa com uma folha de EVA, passei a construir recursos para cada história que iríamos contar, para trazer cores, desenhos, objetos que aproximassem a criança desse momento que eles tanto amam, a hora de ouvir uma história.

DOCENTE B

1. Na sua opinião, o ensino remoto na educação infantil, na creche, é de fato algo efetivo e necessário?

Hoje vivemos em um mundo diferente, no qual o ensino passou a ser ofertado em casa, mas cabe a nós professores construir mecanismos capazes de tornar este ensino eficiente, principalmente para a criança, pois elas estão começando a conhecer o que é escola, estão começando a falar, interagir com o contexto, desenvolvendo suas habilidades, as quais serão ampliadas no decorrer da sua formação, mas como podemos fazer este ensino realmente funcionar ainda não sabemos, mas estamos aprendendo. Hoje eu sei que sou professora, técnica em informática, produtora de vídeos, dona de casa, mãe e esposa, funções estas que precisam agora se encontrar e se organizar para dialogarem no mesmo espaço, pois assim como nossos alunos, nós também estamos aprendendo. Não temos mais nossa sala, nosso quadro, nossos pequenos ali na frente. Hoje nós temos computadores e celulares, grupos e plataformas. Hoje, a metodologia e estratégias educacionais se transformaram para atender ao contexto remoto.

- 2 Como o processo da contação de história pode ser desenvolvido em meio ao novo modelo da educação remota, sem perder a essência do mundo infantil?

Meu primeiro pensamento ao imaginar contar histórias de forma remota me levou àquele modelo de educação que só repassa o discurso, conta, conta, sem emoção, sem alegria, mas quando parei para pensar, percebi que poderia utilizar o mundo que as crianças hoje estão acostumadas, com suas cores, animações e formas. Hoje eu me sinto dentro de um desenho animado em algumas histórias, apesar do meu filho editar a maioria das coisas que faço para trazer mais efeitos, sons e músicas, um recurso que uso muito é a tela verde, ela me permite trazer tantas imagens, cenários... Nossa! Ela vai me fazer falta na sala de aula, mas sinto muita falta do olhar dos meus pequenos ouvindo cada palavra, cada som, cada sorriso.